

POR ENTRE OS FIOS DA MEMÓRIA DE DONA JOANA EVARISTO: RETALHOS E TESSITURAS DAS *ESCREVIVÊNCIAS*

Rosângela Aparecida Cardoso da Cruz¹

RESUMO: Este trabalho pretende atribuir visibilidade à criação textual/literária de dona Joana Evaristo, com o intuito de refletir acerca da recepção e efeito causados e apreendidos pela filha Conceição Evaristo, enquanto leitora dos escritos da própria mãe. Foram as leituras das memórias da mãe, assim como as muitas histórias orais partilhadas durante a infância, que contribuíram para o alargamento dos horizontes da menina Evaristo. Desse modo, importa reiterar que este estudo ousa pensar a recepção e o efeito, sob o alicerce das considerações de Jauss (1994) e Iser (1996), produzidos em Conceição Evaristo, bem como a ressignificação das tessituras de sua mãe, dona Joana Evaristo, fundamentais para a configuração da identidade da filha enquanto mulher negra e, sobretudo, enquanto escritora das próprias vivências. Além disso, neste estudo, ainda, serão apreciadas reflexões acerca da escrita memorialística, a partir de subsídios teóricos calcados em Lejeune (2014), Seligmann (2003), bem como da própria Conceição Evaristo.

PALAVRAS-CHAVE: Caderno de dona Joana; Conceição Evaristo; Estética da Recepção.

ABSTRACT: This work intends to attribute visibility to the textual / literary creation of Dona Joana Evaristo, in order to reflect on the reception and effect caused and apprehended by the daughter Conceição Evaristo, as a reader of her own mother 's writings. It was the readings of her mother's memories, as well as the many oral histories shared during childhood that contributed to the widening of Evaristo's horizons. In this way, it is necessary to reiterate that this study dares to think the reception and the effect, under the foundation of the considerations of Jauss (1994) and Iser (1996) produced in Conceição Evaristo, as well as the resignification of the tessituras of his mother, Mrs. Joana Evaristo, fundamental for the configuration of the daughter's identity as a black woman and, above all, as a writer of her own experiences. In addition, in this study, reflections on memorialist writing will be appreciated, based on theoretical subsidies based on Lejeune (2014), Seligmann (2003), as well as Conceição Evaristo herself.

¹Graduada em Letras - Português e Literaturas (UFMT). Mestre em Educação (PPGedu - UFMT). Doutoranda em Estudos Literários, linha de pesquisa: Literatura e Construção de Identidades, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (UEM). Membro do Grupo de Estudos em Literatura de Autoria Feminina Brasileira (LAFEB), pesquisadora das temáticas relacionadas aos Gêneros, Raça, Classe e Sexualidades, sobretudo com enfoque direcionado à escrita de mulheres negras em interface com literaturas e Educação, assim, com olhos voltados à autoria afro-feminina.

KEYWORDS: Copybook of Mrs. Joana; Conceição Evaristo; Aesthetics of the Reception.

INTRODUÇÃO

Por meio da interação existente entre leitor e texto, bem como da importância que esta relação exerce dentro do tecido literário, que este trabalho pretende atribuir visibilidade à criação literária de dona Joana Evaristo, com o intuito de refletir acerca da recepção e efeitos causados e apreendidos pela filha Conceição Evaristo, enquanto leitora dos escritos da própria mãe. Foram as leituras das memórias da mãe, assim como as muitas histórias orais partilhadas durante a infância, que contribuíram para o alargamento dos horizontes da menina Evaristo.

Desse modo, importa reiterar que este estudo ousa pensar a recepção e o efeito, sob o alicerce das considerações de Jauss (1994), produzidos em Conceição Evaristo, bem como a ressignificação das tessituras de sua mãe, dona Joana Evaristo, fundamentais para a configuração da identidade da filha enquanto mulher negra e, sobretudo, enquanto escritora das próprias vivências.

Não é muito lembrar que “memórias são pontas de icebergs”², inseridas no texto literário são passíveis de atenção, olhar crítico e sempre permeadas/atravessadas pelos viéses ficcionais da verossimilhança, o texto, dialógico por natureza, cultiva a arte de trazer para o palco da ficção, a figura, majoritariamente, importante do leitor. Nesta direção, Jauss (1994), ao se referir às escolas formalista e marxista, reitera a lacuna gigantesca que perpassa a ambas, uma vez que deixam de fora “uma dimensão que é componente imprescindível tanto do seu caráter estético quanto da sua função social: a dimensão da sua recepção e do seu efeito” (JAUSS, 1994, p. 22).

Em outras palavras, o teórico citado pontua que os referidos métodos ou escolas literárias não foram muito além de manter em aberto o problema da

²Analogia à expressão “datas são pontas de icebergs”, cunhada por Alfredo Bosi ao se referir ao descobrimento da América. Cf. BOSI, Alfredo. “O tempo e os tempos” in: NOVAES, Adauto (org.). Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p.19.

história da literatura, ou seja, ratificaram o abismo entre a história e a literatura. Ciente desta defasagem, Jauss (1994), ao trazer para o cerne literário o leitor enquanto figura importante para a configuração do texto e base constitutiva, tanto para a recepção quanto para o efeito, do tecido literário, confere poderes ao que ele chama de imprescindível dentro do âmbito textual e, reforça, ainda, que é a relação dialógica entre texto e leitor que vai constituir/condicionar a obra literária e ressignificar o próprio leitor no ato da leitura. Partindo desse pressuposto, Jauss (1994) aponta para o fato de que:

a escola marxista não trata o leitor – quando dele se ocupa – diferentemente do modo com que ela trata o autor: busca-lhe a posição social ou procura reconhecê-lo na estratificação de uma dada sociedade. A escola formalista precisa dele apenas como o sujeito da percepção, como alguém que, segundo as indicações do texto, tem a seu cargo distinguir a forma ou desvendar o procedimento (JAUSS, 1994, p. 22).

Nesta direção, o autor supracitado vai debruçar seu olhar acerca da recepção e do efeito do texto literário, haja vista a dialogicidade entre literatura e leitor subsidiar implicações caucadas na estética e na historicidade. Contudo, reitera Jauss (1994) que importa repensar a forma como se apresenta a história da literatura, uma vez que privar a obra literária do seu papel fundamental e, por que não dizer, essencial, de caminhar ao encontro do seu destinatário – o leitor – é incorrer, em linhas gerais, no mais grotesco senso comum, é, ainda, assinar o atestado de óbito da obra literária. Para o autor, as duas escolas já citadas ignoraram “o leitor em seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico: o papel do destinatário, a quem, primordialmente, a obra literária visa” (JAUSS, 1994, p. 23).

É lícito ressaltar que ambas as implicações – a de valor estético e a de valor histórico – se pensadas em conjunto oferecem alicerces para o assento do texto literário, embora, como pontua o crítico, o que não se pode é reduzi-lo a um historicismo simplista, ignorando a existência de um fio tênue entre literatura e leitor e a própria relação dialógica que dá vida, longevidade e ressignificação à obra literária. Logo, reitera, “se contempla a literatura na

dimensão de sua recepção e de seu efeito, então a oposição entre seu aspecto estético e seu aspecto histórico vê-se constantemente mediada, e reatado o fio que liga o fenômeno passado à experiência presente da poesia, fio este que o historicismo romperá” (Idem, p.23).

Condicionado pelos viéses da recepção e do efeito da obra literária, bem como permeado pelos pressupostos da escrita memorialística, este trabalho parte da proposta de se observar, como já dito, a maneira como a escrita de Conceição Evaristo é influenciada a partir das leituras da própria mãe, vale ressaltar que o efeito causado na filha-leitora se presentifica por entre os versos que escorrem das tintas evaristianas.

Ademais, não é muito lembrar que, apesar de os escritos de dona Joana trazerem à tona experiências supostamente vividas, serão apreciados tão somente sob os olhos da ficção, como uma representação de um tempo vivenciado, uma vez que entre o viver e o narrar, muitas coisas se perdem e outras tantas se criam, assim, ficção literária.

Os já mencionados escritos da mãe de Conceição Evaristo, nunca antes vindo a público, foram publicados com a autorização da filha, agora, em maio de 2017, como uma produção similar que se encontra inserida no centro de um livro de cartas intitulado “Cartas Negras”, em que Conceição troca cartas com outras escritoras negras, cujas reflexões se dão em torno das vivências e experiências destas enquanto escritoras e da própria identidade de mulheres negras. Este livro de cartas foi publicado em função de uma exposição que homenageou a escritora Conceição Evaristo em São Paulo, promovida pelo Itaú Cultural e que presentificava muito das memórias da referida escritora, dentre as quais, os escritos da mãe.

O fato de o livresco se encontrar centralizado no livro de cartas já representa muito da importância que tem para a construção identitária de Conceição enquanto escritora. Com suas páginas amareladas pelo efeito do tempo, a narrativa de dona Joana, além de surpreender pela riqueza de conteúdo e pela maestria na arte de escrever de uma mulher negra, praticamente analfabeta, apresenta reflexões que, atravessando gerações, se presentificam em torno de problemas sociais que continuam, ainda, tão atuais.

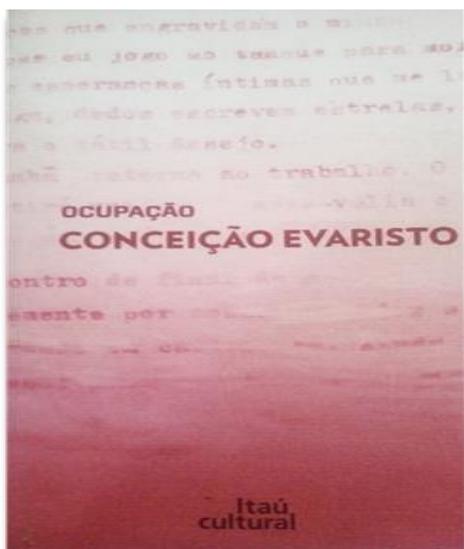


Figura 1. Capa do Livro de Conceição Evaristo que contém o livresco com escritos de Dona Joana



Figura 2. O livro com os escritos de Dona Joana.

Neste sentido, Jauss (1994, p. 25) salienta que a obra literária não é um mero objeto que exista por si, todavia, se volta sempre para a experiência renovada da leitura, ou seja, “ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual”.

Dessa forma, a obra literária se atualiza sempre por meio do leitor e encontra sua validação a cada experiência nova de leitura, torna-se acontecimento no horizonte de expectativas dos seus leitores, uma vez que o acontecimento literário apenas produz efeitos a partir do momento em que “sua recepção se estenda pelas gerações futuras ou seja por elas retomada – na medida, pois, em que haja leitores que novamente se apropriem da obra passada ou autores que desejem imitá-la, sobrepujá-la ou refutá-la” (JAUSS, 1994, p. 26).

Quando se pensa em textos de memórias, é importante que se tenha alguns pressupostos em mente, ou seja, cabe ao leitor a fuga relacionada à dicotomia verdade/mentira, pois, uma vez inseridas no palco da ficção, as narrativas tornar-se-ão apreciadas sob os viéses da verossimilhança e, validadas ou não, a partir da recepção do leitor. Em conformidade com isso,

reitera Lejeune que, ao se pensar a obra literária, “partindo da situação de leitor (que é a minha, a única que conheço bem), tenho a possibilidade de captar mais claramente o funcionamento dos textos (suas diferenças de funcionamento) e já que foram escritos para nós, leitores, e é nossa leitura que os faz funcionar” (LEJEUNE, 2014, p.16).

Nesta direção, Eco (2003) destaca que “o mundo da literatura é um universo no qual é possível fazer testes para estabelecer se um leitor tem sentido da realidade ou é presa de suas próprias alucinações”, assim, entre o lembrar e o narrar, muitas coisas se delineiam e se alicerçam sob a égide da ficção. Para Seligmann Silva(2003), a escrita memorialística ou de testemunho caminha sobre uma via de mão dupla, ou seja, por um lado, é atravessada pela necessidade de contar uma experiência vivenciada e, de outro, a impossibilidade de recontar tal qual se deu o vivido. Pontua o autor que esta vertente literária se alicerça sobre um campo de forças, no qual há:

De um lado, a necessidade premente de narrar a experiência vivida; do outro, a percepção tanto da insuficiência da linguagem diante dos fatos (inenarráveis) como também – e com um sentido muito mais trágico – a percepção do caráter inimaginável dos mesmos e da sua consequente inverossimilhança (SELIGMANN SILVA, 2003, p.46).

Assim, caminhando por entre os fios da memória de dona Joana Evaristo e “a impossibilidade de recobrir o vivido (o ‘real’) com o verbal” (Idem, p. 46), é possível pensar os efeitos assimilados, uma vez que, conforme nos aponta Iser (1999), a obra literária determina a própria leitura e a figura do leitor a protagoniza. Jauss (1994, p.26) ressalta que “o literário não possui consequências imperiosas, que seguem existindo por si só e das quais nenhuma geração posterior poderá mais escapar”, ou seja, o acontecimento passa a existir a partir da recepção e atemporalidade da obra literária, numa relação de cumplicidade entre a tríade autor-obra-leitor.

CONCEIÇÃO EVARISTO COMO LEITORA DE DONA JOANA³

Conceição Evaristo é mineira, nascida em Belo Horizonte, onde viveu com a mãe grande parte da vida. É de lá, da vida e infância na favela, que a escritora, em meio à herança ancestral, presentifica por meio da sua escrita, a imagem de dona Joana, sua mãe, e de tantas outras mulheres de sua família. Nesta direção, a figura da mãe é extremamente significativa dentro dos escritos evaristianos e se vê representada em muitas obras da escritora. A literatura de Conceição Evaristo é marcada pelos dramas, tanto individuais quanto coletivos, envolvendo o povo negro, se configura, assim, como um contra-discurso em relação ao que se tem em termos de literatura canônica brasileira, na qual se percebe um lugar predestinado a ser ocupado por negras e negros.

Dessa maneira, a autora, em sua produção afro-literária, evidencia a verdadeira face do povo negro, humanizando-o, traz para o palco da ficção as lutas, as dificuldades e as resistências inscritas nas veias de um povo que, ainda, traz sobre si as cicatrizes e as marcas da escravidão. Como leitora de dona Joana, Conceição Evaristo ressalta as influências da mãe e a importância desta para a construção identitária, tanto da mulher negra quanto da escritora:

Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente juntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os

³ Todo excerto que for extraído do livro será apresentado em imagens coletadas por meio de aparelho móvel (celular) cujo intuito é o de privilegiar a originalidade dos escritos de dona Joana. Assim, as reflexões serão feitas, a partir das leituras das linhas traçadas por ela e aqui, representadas em imagens. Logo, não serão transcritas pela autora deste estudo.

dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão (EVARISTO, 2005, p.1).

Como se percebe, por meio das considerações da escritora, a figura de dona Joana se presentifica por entre os versos que escorrem das tintas de Conceição Evaristo. Muito antes do contato com a decodificação dos símbolos linguísticos grafados pela mãe, os gestos e crenças de dona Joana já se configuravam no seio da formação identitária e ancestral da menina Evaristo.

O efeito de tantos ensinamentos adquiridos é representado a partir da significativa arte evaristiana do narrar, da escrita-denúncia e, sobretudo, do comprometimento em escrever uma outra história advinda de mãos pretas, em que negros e negras se tornam sujeitos e donos das suas próprias histórias, em que se tornam sujeitos pensantes e não meros objetos sempre pensados por outrem. Em outras palavras, a escrita evaristiana traz, para o palco da ficção, negras e negros protagonizando as próprias vivências, as quais a própria Conceição intitula *Escrevivências*.

Como reitera Jauss (1994), a partir do momento em que leitor e texto se encontram, se envolvem, há uma relação dialógica que compreende a função social da arte literária. Nesta direção, as experiências de leituras apreendidas por meio dos gestos da mãe são ressignificadas e se configuram como modelo para a escrita da filha, *a posteriori*. O corpo da mãe trazia sobre si as marcas e simbologias ancestrais que, representadas em gestos e crenças, constituíram um dos primeiros ensinamentos para a menina que a observava.

Uma leitora ativa que conseguiu perceber que ali, naquele gesto, a mãe inscrevia muito mais que os rabiscos grafados no chão, antes, “na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele” (EVARISTO, 2005, p.1), haja vista a urgência e a necessidade de secar as roupas das mulheres-sinhás brancas que, com a ausência do sol, tendiam a mofar, amontoadas sobre as tinas.

Os escritos de dona Joana Evaristo, permeados pelos vieses da memória, serviram de subsídios e inspirações para que as narrativas evaristianas se consolidassem na arte de esculpir as palavras. Como se observa na imagem 3, a mãe de Conceição Evaristo inicia seus escritos se apresentando a seus possíveis leitores, situando nascimento e filiação, apesar dos poucos meses de “instrução”, é possível perceber a preocupação com a grafia maiúscula dos nomes próprios, tanto de lugares quanto de pessoas.

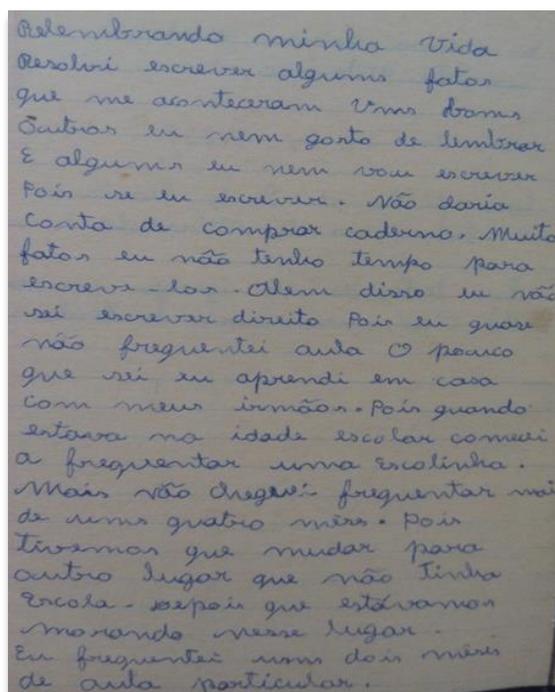


Figura 4. Apresentação pessoal de dona Joana Evaristo

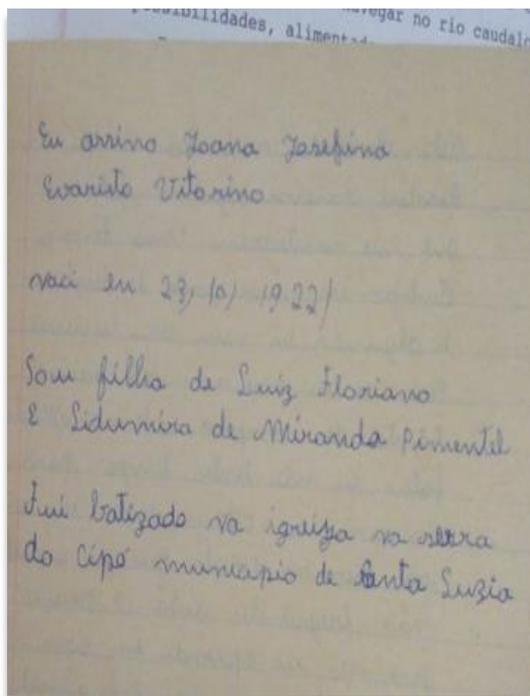


Figura 3. Apresentação pessoal de dona Joana Evaristo

Conforme se observa na imagem 4, dona Joana teve apenas seis meses em contato com a instituição escolar, como ela mesma reitera. O pouquinho que aprendeu, ressalta, foi a partir do contato com os irmãos, que tiveram mais acesso à escola. Quiçá aqui se configure reflexos para uma outra análise, calcada nas relações de gêneros que, todavia, não se fará tecer neste trabalho.

O fato de a mãe ter tão pouco contato com a escola e ser tão apaixonada pela arte das narrativas contribuiu para o alargamento dos

horizontes da menina Evaristo cultivar, dentro de si, o sonho de se tornar escritora. Como Jauss (1994) aponta, associado ao conhecimento de mundo, ao conhecimento prévio, o texto desperta para o que se tem internalizado e ressignifica projeções futuras, mediadas pelo horizonte de expectativa de cada leitor:

Assim como em toda a experiência real, também na experiência literária que dá a conhecer pela primeira vez uma obra até então desconhecida há um 'saber prévio, ele próprio um momento dessa experiência, com base no qual o novo de que tomamos conhecimento faz-se experienciável' [...] a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida (JAUSS, 1994, p. 28).

A escrita de Conceição Evaristo é fortemente marcada por traços familiares, heranças ancestrais enleadas por um cunho memorialístico que remonta a aspectos que articulam reflexões acerca de questões que envolvem gênero, raça e classe social. Uma escrita voltada para a resistência e que tem

como intuito representar a negros e negras, sobretudo, as mulheres, para além dos estereótipos e estigmas a eles e elas conferidos.

Por intermédio das memórias familiares, Conceição Evaristo remonta, em sua escrita, às imagens das mulheres da sua família, símbolos de muita força, lutas e muita resistência. A figura da avó e da mãe é presentificada no poema *Vozes-Mulheres* (1990), como forma de evidenciar a própria origem e cultivar a própria ancestralidade:

“A voz da minha bisavó ecoou
criança nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixo revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela”.

Assim, como nos escritos de dona Joana, a condição social é presentificada nos textos de Conceição Evaristo, a vida dura, a labuta, as agruras e limitações impostas socialmente às vidas negras. Como se percebe no poema, a voz que ressoa do eu-lírico é carregada de ecos de tantas outras e, o lamento-denúncia é, antes de tudo, uma forma de resistência, de se impor frente às mazelas e ao silenciamento preestabelecido.

Ler e escrever, se constituem como uma forma de escapar do caos, para estas mulheres negras, conseqüentemente, estes fios polifônicos negros seguem atravessando as veias do tempo e se (re) afirmando, se (re) criando nas consciências dos próprios leitores.

Com base nos diálogos estabelecidos com Iser (1996), é possível pressupor o leitor dos escritos de dona Joana – sobretudo, a própria filha, bem como outros da família, provavelmente e, agora, depois de publicados, **Koan**: Revista de Educação e Complexidade, n. 5, dez. 2017. ISSN: 2317-5656

alcançarão outras gamas de destinatários – assim como a própria dona Joana Evaristo, hoje com 95 anos de idade, também foi uma assídua leitora dos escritos de Carolina de Jesus, apesar do pouco tempo em que pode ter contato com a escola, a mãe de Conceição Evaristo lia e escrevia com fluidez.

Nesta direção, é possível pensar que a recepção das tessituras carolinianas se refletem nas reflexões de dona Joana, haja vista serem partícipes da mesma condição social e habitarem espaços equivalentes. Ainda, neste sentido, Conceição Evaristo, também leitora de Carolina e da própria mãe, traz para as entranhas da sua escrita, resquícios da recepção de ambos os textos. Iser corrobora esse pensamento ao reiterar que:

Isso vale também para os casos em que a história da recepção se interessa pelos testemunhos de leitores que, em épocas diferentes, responderam à obra em causa. De qualquer modo, a história da recepção revela as normas de avaliação dos leitores e se torna, desse modo, um ponto de referência para uma história social ao gosto do leitor (ISER, 1996, p. 64).

Essa concepção se justifica se se pensar que a figura do leitor não é estática, ao contrário, o leitor auxilia na construção do texto na medida em que valida a sua existência e preenche as lacunas presentificadas no interior da obra literária. Conforme o autor acima citado, por mais que o processo de leitura de uma determinada obra pressuponha um leitor “ideal”, essa idealização não se cumpre “porque o leitor ideal representa uma impossibilidade estrutural de comunicação” (Idem, p.64).

Todavia, sinaliza, o leitor se atualiza e se configura enquanto, também ficcional, construtor da obra literária, de muitas e diferentes maneiras. Nesta perspectiva, “enquanto ficção ele (o leitor ideal)⁴ preenche as lacunas da argumentação, que surgem muitas vezes na análise do efeito e na recepção da literatura” (ISER, 1996, p. 65).

Importa reiterar que o “Caderno de dona Joana”, embora nunca antes publicado e não situado no âmbito da literatura, pode ser apreciado como uma fonte importante para a configuração da escrita da filha - Conceição Evaristo –

⁴ Grifo meu.

que, por muitas vezes, faz questão de se posicionar como ávida leitora dos escritos da mãe. Ao se pensar os escritos joanescos sob o viés estético, pode-se inferir as considerações de Escarpit (1974), as quais ponderam que, em alguns casos, o conhecimento adquirido, por meio de leituras não-clássicas – embora também importantes – torna-se muito mais central dentro do processo que o próprio valor estético. Como se observa:

O valor imediato da comunicação, que permite a cada indivíduo de um grupo social encontrar na leitura um alimento cotidiano de um diálogo entre sua liberdade, por um lado, e a representação de um aspecto da situação histórica contemplado através da consciência do escritor, do outro, pode também ser uma fonte importante. Porém não é certo que esta leitura seja compatível com aquilo que nossa sociedade cultural considera como literatura (ESCARPIT, 1974 apud MARTHA, 2011, p.191).

Nesta direção, é possível inferir que, embora não faça literatura, os escritos de dona Joana apresentam um retrato das memórias que ela traz da infância. Com muita maestria, a narrativa traz para o âmbito da ficção, os poucos momentos vividos em contato com o ambiente escolar, os reflexos das concepções religiosas, bem como as ideologias nas credences populares são apontadas por meio desse recordar. As imagens 5 e 6, a seguir, ilustram parte destas lembranças, das condições precárias, das agruras e limitações fotografadas pelas veias tênues que se permeiam por entre as ficções e as memórias:

Para as crianças, e até para os adultos. Hoje quando eu leio em alguma revista ou em algum livro - alguma coisa sobre missionário - me lembro quando ia missionário na minha terra. Eu só me lembro de um que se chamava Padre Scacio. Não sei se era ele que ia sempre lá, eu só me lembro dele. Deve ser porque ele foi o último que eu vi lá, deve ter ido outros mas é que eu era pequena e não me lembro. Eu fico pensando que eu e meus irmãos fomos criados quase igual - índios. Vivíamos mais até grandinhos, fomos catequizados por missionário. Oreditávamos ~~o~~ feitiço quebrando mau olhado em mula sem cabeça sobrelance ~~o~~ ombração, em benzedeira.

Figura 5. Escritos de dona Joana Evaristo

Eu lembro que já estava bem grande e ainda andava nua. Um dia a mandei vomitando. A mamãe disse essa menina está com o vento virado, agente dizia vento virado em vez de dizer vento virado, Não sei como o vento da gente podia virar. E preciso levar da na casa da Maria do Antonio Memino. Para ela virar o ~~vento~~ ^{vento} dela. Eu até hoje fico pensando porque o dono da casa tinha o apelido de Antonio Memino. Se ele era tão grande! Eu me lembro que fui nua para a dona Maria benzedeira - me de vento virado. Depois que ela me benzeu, ela foi ao quarto e pegou um vestido da filha dela e me vestiu, e disse que eu estava muito grande para andar nua. Eu voltei para casa bem alegre.

Figura 6. Escritos de Dona Joana Evaristo

Importa ressaltar que, da mesma forma que narra reflexos da lembrança, dona Joana evidencia que muitas dessas memórias se perderam e, justamente nestas lacunas das memórias, a invenção protagoniza a arte de criar. Deste modo, há a impossibilidade de tomar estas linhas narrativas por verdades absolutas, como muito bem salienta a escritora negra Conceição Evaristo, ao se posicionar acerca das histórias narradas em seu livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011, p. 9), diante da ideia de representar o vivido, “[...] Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta”.

Para Jauss, não se pode determinar o horizonte de expectativa, visto que “uma obra literária pode, pois, mediante uma forma estética inabitual, romper as expectativas de seus leitores e, ao mesmo tempo, colocá-los diante de uma questão cuja solução a moral sancionada pela religião ou pelo Estado

ficou lhes devendo” (JAUSS, 1994, p. 56), como se pode observar nos escritos-lamentos⁵ de Conceição Evaristo (2009, p.127):

Conseguir algum dinheiro com os restos dos ricos, lixos depositados nos latões sobre os muros ou nas calçadas, foi um modo de sobrevivência também experimentado por nós. E no final da década de 1960, quando o diário de Carolina Maria de Jesus, lançado em 1958, rapidamente ressurgiu, causando comoção aos leitores das classes abastadas brasileiras, nós nos sentíamos como personagens dos relatos da autora. Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nós conhecíamos nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantermente para as nossas mãos. Restos.

Em conformidade com isso, é pertinente pensar que a literatura ao trazer, para o cerne da ficção, experiências que remontam às práticas do cotidiano de seus leitores, delinea aquilo que Jauss denomina de “experiência estética”, abarcando, assim, o social. Segundo o autor, a função social é representada em consonância com as experiências literárias de cada leitor, imbricadas com o horizonte de expectativas permeado pela vida prática dos mesmos. Nesta direção, a literatura como a arte da representação, não pode ser apartada da vida social, antes, delinea para seus leitores possibilidades de confrontos com novas realidades, permeada pelos fios tênues que separam arte e vida.

Na imagem 7, dona Joana fala das angústias da própria mãe, na luta para matar a fome dos muitos filhos e das sobras, mas também da alegria em trazer para a boca dos seus, os restos que ganhavam das famílias brancas para as quais prestava algum tipo de labor. Limitações verificadas, muitos anos mais tarde, também nas palavras de Evaristo, de modo que as narrativas se encontram e se interpenetram, nos becos das muitas memórias...

⁵ Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. Texto publicado no Portal Literafro da UFMG. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**, texto em anexo à Dissertação de MARINGOLO, Cátia Cristina Bocaiuva. **Ponciá Vicêncio e Becos da Memória de Conceição Evaristo**: construindo histórias por meio de retalhos de memórias. Araraquara – SP. 2014.

Onêha Pêle ralo fuzinho
 An vezes, já estava até
 rançoso, Ela chegava sempre
 tão alegre com aquilo,
 Pois aquilo servia para nos
 alimentar, Ela pilava arroz
 no pilão, torrava café
 e usava também no
 Pilão para aquelas donas
 de fazenda que também
 lhe pagava com fuba farinha
 açúcar, e resto de banca
 como eles dizinhã, muitas
 vezes ela ia lá e elas
 davam alguma coisa para
 ela mesmo sem ela fazer
 nada para elas, Pois elas
 Assacia que tinham do
 dela, Com aquela filharada
 E, tão Robre,
 Eu me lembro que ela
 estava não sei se era
 tingindo ou lavando

Figura 7. Escritos de dona Joana Evaristo



“Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida” (Conceição Evaristo, Cadernos Negros, vol. 28 - 2005).

Figura 8. Depoimento de Conceição Evaristo

Partindo desse pressuposto, é possível inferir que tanto os escritos de dona Joana quanto a literatura de Conceição Evaristo corroboram com os postulados de Hans Robert Jauss (1994), haja vista a representação social protagonizar a experiência estética de ambos. Como se percebe, as experiências cotidianas se inter cruzam e dialogam entre si.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em tese, pode-se inferir que postulados tão caros à literatura, como os conceitos proferidos por Jauss e Iser, proporcionarão ao leitor de distintas épocas, o papel de construtor do texto literário. Conforme Iser (1996) aponta, os espaços vazios da obra literária, em sua dialogicidade, se encontram entre a estrutura do texto e o papel do leitor, nesta direção, tanto ele quanto Jauss (1994), assumem para si a arte de tornar o leitor parte integrante e protagonista

dentro do tecido literário, uma vez que é no momento da leitura que a obra ganha vida. Iser corrobora tais proposições ao afirmar que “o texto ficcional deve ser visto, principalmente como comunicação, enquanto a leitura se apresenta em primeiro lugar como uma relação dialógica” (ISER, 1996, p.123).

Partindo desse pressuposto, Iser considera que há uma áurea de incompletude que perpassa as veias do texto literário, lacunas estas que serão preenchidas por meio do contato do leitor com o texto. A leitura é, para o autor, o elixir que ressignifica e dá vida/sentido ao texto literário, é, pois, a voz do leitor que valida a criação literária. Assim, o referido autor bebe da fonte de Hans Robert Jauss (1994), ao reiterar que o texto literário, num processo dialógico, é capaz de se comunicar, ao longo do tempo com públicos-leitores diversos, a partir do que denominam deslocamento da obra literária.

Neste processo de comunicação, Iser (1996) pressupõe o ato da leitura como um entrecruzamento de vozes que culminarão, *a posteriori*, na tríade autor-leitor-texto, assim, o leitor se torna elemento intrínseco à composição na obra de arte literária. Neste viés, Conceição Evaristo enquanto leitora dos escritos da própria mãe, tanto sofreu os efeitos das tessituras joanescas quanto agiu sobre eles, ou seja, a partir da ressignificação dos escritos da própria mãe, configura a sua própria identidade de escritora e mulher negra. Ao transpor para a ficção muito da própria história e também dos seus, num viés ancestralizado, Conceição Evaristo protagoniza, como ela mesma diz, o tecer literário das *escrevivências*.

Embasado pelas teorias de Jauss (1994) e complementado pelas significantes contribuições de Iser (1996), neste estudo cumpre salientar as lacunas que nele far-se-ão presentificar, haja vista a incompletude do texto diante do dito. Importa reiterar que, embora muito tenha ficado por dizer, as reflexões tecidas, por entre os fios e retalhos das memórias evaristianas, por meio deste processo comunicativo, caso suscite a possibilidade de que outros olhares se debrucem e novos horizontes se alarguem, a partir dele, já terá alcançado grande êxito.

Desse modo, como bem ressaltado pelos teóricos da recepção e do efeito, a validação do texto se dá na medida em que conduz o seu leitor à busca de novos horizontes necessários ao preenchimento dos espaços vazios

que constroem a conexão das estruturas e proposições textuais, ou seja, a leitura é, em suma, o grande elo que interliga leitor e texto. Portanto, é possível evidenciar que, tanto dona Joana quanto a filha Conceição Evaristo, por meio dos seus escritos, cravam nas entranhas do tecido textual/literário quebras de paradigmas e/ou rupturas calcadas em pressupostos estéticos e textuais, delineando, assim, a intersecção entre a literatura e a vida.

REFERÊNCIAS

ECO, Humberto. **Sobre a Literatura**. Trad. Eliana Águida. Rio de Janeiro. RECORD, 2003.

ESCARPIT *apud* MARTHA, Alice Áurea Penteado. **Leituras na Prisão: coerência no caos**. Apresentação Regina Zilberman- Maringá: Eduem, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira**. Universidade Federal Fluminense – UFF, (s/d).

_____. **Insubmissas lágrimas de mulher**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

_____. **Vozes-Mulheres**. In: _____. *Cadernos Negros* 13, 1990, p. 32-33.

_____. **Da grafia-desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Texto apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005.

_____. **Ocupação Conceição Evaristo/ organização Itaú Cultural**. – São Paulo: Itaú Cultural. 2017.

BOSI, Alfredo. “O tempo e os tempos”. IN: NOVAES, Adauto (org). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. De Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Org. Jovita Maria Gerhein Noronha. Trad. Jovita Maria Gerhein Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. – 2 ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SELIGMAN SILVA, Márcio. História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes. Marcio Seligman Silva (Org.). – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.